

Entre sementes e sonhos: a história de Érica Renata

“Eu gosto demais de mexer com a terra.” É assim que Érica Renata começa a falar sobre o lugar que hoje chama de seu, no sítio Lagoa da Pedra, em São José do Egito, no Sertão do Pajeú (PE). Aos 37 anos, ela construiu uma relação profunda com a terra — uma relação que nasceu da luta, da persistência e da vontade de transformar um pequeno pedaço de chão em fonte de vida.

Nascida no Recife, Érica tinha apenas seis anos quando se mudou com a família para a zona rural de Pernambuco. Mas havia uma dificuldade que sempre acompanhou a família: a terra onde viviam nunca era deles. “A gente sempre morou no que era dos outros. A gente não plantava”, conta.

Em 2016, Érica passou a morar na propriedade onde vive até hoje. No começo, acompanhava o marido, Jânio Carlos Neto, de 45 anos, nas atividades da roça, ajudando na colheita e em pequenas tarefas. “Eu sempre mexi um pouco na agricultura, mas para dizer que meti a mão na massa mesmo foi depois”, afirma.

A virada veio há cerca de três anos, com a implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF), implementado pela Diaconia. “Foi ali que eu comecei a entender mais a terra, aprender sobre o solo e sobre o espaçamento das plantas.”

A partir daquele momento, sua relação com a agricultura se aprofundou. O terreno começou a se transformar e, pouco a pouco, a diversidade de plantas foi tomando conta de toda a propriedade.

Com a chegada da Cisterna de Enxurrada, construída pela Diaconia por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro, com apoio do Governo Federal, Érica conseguiu ampliar a produção de alimentos. Hoje, a pequena horta da agricultora reúne uma grande variedade de cultivos. Ela planta coentro, cebolinha, alface, rúcula, couve, beterraba e quiabo. Entre os canteiros também aparecem plantas medicinais e outras espécies cultivadas por ela.

O quintal produtivo também conta com frutíferas como acerola, manga, graviola, limão e até pitaya, que começou a produzir recentemente.

“A cisterna foi de uma importância muito grande. A água ajuda a cuidar da minha horta. Agora a gente planta uma coisinha e vê que dá resultado, e dá vontade de plantar cada vez mais”, comenta Érica.



Parte da produção é vendida na comunidade. Outra parte vai para a mesa da família e é doada a vizinhos e vizinhas. Érica tem orgulho do seu trabalho, e os elogios que recebe dos consumidores/as, em relação à qualidade das hortaliças e legumes cultivados de forma agroecológica, a enchem de satisfação.

“Meu coentro dura até quinze dias na geladeira. O pessoal compra e depois volta dizendo que é diferente. É bom ver que as pessoas gostam do que eu planto e produzo. Me sinto muito feliz. Vejo que todo o meu esforço vale a pena.”

Além de produzir alimentos, Érica também compartilha sementes com quem visita sua propriedade. Entre as mais procuradas estão moringa, girassol e feijão-guandu. Produzir alimentos sem agrotóxicos é um dos maiores orgulhos da agricultora. “Quando o pessoal vê que é natural, fica feliz. E pede mais.”

Com o apoio do Programa, Érica também ampliou a criação de animais. A família construiu uma pequena granja e hoje cria galinhas e porcos, que são vendidos na comunidade e para outros criadores que revendem os animais

“Os recursos do fomento ajudaram a melhorar nossa criação. Antes a gente criava menos. Agora melhorou e aumentou a nossa renda.”



Ter acesso à água significa poder plantar, colher e construir um futuro com mais tranquilidade. E os sonhos continuam crescendo. Érica quer ampliar a horta, construir uma pequena estufa para produzir mudas e aumentar ainda mais a diversidade de alimentos.

“Meu sonho é aumentar minha hortinha, fazer um cantinho para as mudas e plantar mais coisas.” Mas o maior sonho está na família. Érica espera que, no futuro, sua filha Kethllen Vitória olhe para essa história com orgulho. “Eu quero que ela se lembre de mim com orgulho.”

Para ela, a agricultura é mais do que uma atividade. É uma forma de vida que exige conhecimento, paciência e resistência. Por isso, costuma dizer: “O agricultor e a agricultora deviam ter diploma. Porque não tem profissão mais bonita que a de uma agricultora.”

A história de Érica Renata mostra como o acesso à terra, à água e às tecnologias sociais pode transformar realidades. Com apoio, conhecimento e muita dedicação, ela segue fortalecendo sua produção e garantindo alimentos saudáveis para sua família e para a comunidade.